

XVI SEMINÁRIO
DE INTEGRAÇÃO

25 E 26
OUTUBRO
de 2017

DO GLOBAL AO LOCAL: O PODER DAS ESCALAS SOBRE O TERRITÓRIO



Megatemplos Protestantes

Novas Configurações de Territorialização do Sagrado

Rita Gonçalo¹

Grupo de Trabalho: ST1. Reconfigurações Territoriais, Escalas e Contextos.

Resumo

O tema deste artigo é o protestantismo evangélico e seus megatemplos enquanto novas composições de lugares sagrados no cotidiano urbano - refletindo sobre o seu diálogo com as questões relacionadas ao território, cultura, desenvolvimento local. Como reflexo de acumulação de capital em diferentes escalas - econômicas, sociais, educacionais, estéticas -, os megatemplos se difundem e se impõem atualmente a partir das ações de movimentos estratégicos, redefinidas no âmbito do poder e das lutas políticas, onde essas estruturas diferenciadas se constituem como elementos potencializadores de integração do protestantismo à cidade, ou mesmo se apresentando como elemento de “resposta” aos anseios da vida mental na metrópole.

Palavras-chave: Megatemplos. Protestantismo. Escalas. Territorialização do sagrado.

¹ Socióloga, pesquisadora do tema Religião e Cidade, Doutoranda em Planejamento Urbano pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (IPPUR/UFRJ).
E-mail: ritaantropologia@gmail.com

Introdução

No século XXI, observamos uma tendência relevante nas configurações urbanas, caracterizada pela projeção de megatemplos religiosos – especialmente evangélicos - nas grandes metrópoles brasileiras. Nos anos 2000, esse modelo arquitetônico foi inserido no protestantismo brasileiro quando da inauguração do Templo da Glória do Novo Israel, antiga sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus, construída no bairro de Del Castilho, zona norte do Rio de Janeiro. De lá pra cá, diferentes correntes protestantes – desde as tradicionais até as neopentecostais - aderiram à construção de catedrais enquanto modelo de expressão da força e hegemonia de suas denominações. Sendo esse um fenômeno cada vez mais recorrente na morfologia urbana, devemos pensar: o que caracteriza a produção dos megatemplos que combina com certas maneiras de ser e de estar na cidade? Mais que isso, qual seria o lugar da religião na cidade? É preciso, portanto, estreitar as relações entre religião e cidade.

Pretendo, ao longo deste trabalho, destacar dois aspectos importantes: a relação entre as características da população evangélica das cidades e a composição subjetiva entre sagrado e urbano. A hipótese defendida é a de que o novo modelo de espacialização dos templos faz parte de uma estratégia de ampliação dos interesses da religião, uma vez que o protestantismo utiliza o espaço do megatemplo para produzir diferentes arranjos que vão além do âmbito religioso. São diferentes serviços inerentes às demandas urbanas e que também estão concentrados próximos ao ambiente da igreja. Nesse sentido, tais correntes evangélicas vão absorvendo os dispositivos que estariam dispersos na cidade, trazendo-os para dentro da religião.

Indubitavelmente, transformar o espaço da igreja em um espaço que seja, também, um ambiente de mercado pode estar calcado em interesses puramente capitalistas. Mas, fora a estratégia dos dirigentes, não se pode desprezar a estratégia dos crentes, dos fiéis. A vida de uma coletividade envolve crenças que se revelam nas condutas e se materializam nas formas espaciais do cotidiano vivido, o que inclui a valorização não só da dimensão simbólica como também da dimensão material. Desta maneira, é possível afirmar que os fiéis valorizam a nova estética

arquitetônica desses espaços religiosos, bem como seus estilos de governança e de extensões das redes de fé. Como resultado, verifica-se no contemporâneo que o imperativo de *viver juntos* a comunhão religiosa se manifesta sob diferentes performances, que ocorre no interior do megatemplo, mas também fora dele – em diferentes territórios de socialização, tantos em espaços físicos como em ambientes digitais (vide a presença evangélica nas rádios, na internet, em aplicativos de smartphone e nas redes sociais digitais).

Deste modo, o protestantismo se caracteriza atualmente como uma religião intensa na sua presença espacial, que engendra diferentes linguagens de demarcação e territorialização do sagrado. Parto do pressuposto de que a reconfiguração de igrejas evangélicas sob a forma de megatemplos como aspecto contemporâneo nas metrópoles permite uma experiência de diálogo sensível de estados espirituais junto à composição urbana, onde “o sagrado aparece como elemento de produção do espaço” (ROSENTHAL, 2002, p. 13), expressando a complexidade que envolve a articulação diária entre o sagrado e o mundo urbano.

No presente século, ocorreu entre as correntes protestantes uma legítima virada ontológica, num campo de batalha travado por instituições e agentes que disputam o controle da produção e circulação de bens de salvação. Nesse sentido, tanto o atual e o futuro fiel precisam ser conquistados e mantidos por meio de estratégias liberais que estão sendo praticadas no interior do campo religioso e cultural brasileiro e global, com frequência e naturalidade. Cada vez mais secularizadas, as igrejas evangélicas no Brasil são influenciadas pelas perspectivas do marketing, da presença hegemônica, e de novas tendências estéticas.

Os megatemplos, enquanto estruturas diferenciadas às igrejas tidas “tradicionais”, se constituem como elementos potencializadores de integração do protestantismo à cidade, ou mesmo se apresentando como elemento de resposta aos anseios da vida mental na metrópole. Esses templos onde se vivencia o que podemos chamar de neoprotetantismo – uma religião seguidora dos preceitos bíblicos, mas com liturgia, costumes e práticas de vida mais leves, uma *soft religion* – têm por adeptos sujeitos de diferentes estratos sociais (desde os habitantes da periferia até as camadas médias urbanas), aos quais é oferecida uma opção religiosa sem que se exija o rompimento com as formas rotineiras de se viver na sociedade.

Não obstante, outra serventia oferecida pela linguagem dos megatemplos pode ser observada no modo de materializar a retórica da *prosperidade*. Os evangélicos acreditam que seu livro sagrado – a Bíblia – é um compêndio de respostas à prosperidade em todas as áreas da vida. Eventualmente, o senso comum entende que essa teologia está dialogando apenas com a questão financeira, mas não parece ser somente esta a lógica do discurso deles. Como vivemos em uma sociedade capitalista, o dinheiro se apresenta como um caminho para acessar outros níveis de prosperidade na vida: prosperidade na saúde, emocional, familiar etc. Embora outras religiões também exercitem esse mesmo diálogo com a questão materialista do dinheiro para conquistar algo, no caso dos evangélicos isso fica mais exposto, talvez, pelo fato de eles estarem largamente conectados à dinâmica do capital: as igrejas estão disponíveis fisicamente nos bairros, mas também virtualmente – na internet, nas rádios, nas redes sociais; as ofertas e outras ações de lógica do dom-contradom são feitas via depósito bancário em diferentes instituições bancárias; máquinas de cartão de crédito/débito estão disponíveis nos templos; o comércio dos mais diversos artigos é movimentado pelo consumo dos próprios evangélicos – tanto em meios físicos quanto pelo *e-commerce*. Ou seja, são diferentes modalidades de serviços diretamente conectadas às dinâmicas da globalização que fomentam a criação de um número cada vez maior de grandes templos nas grandes cidades.

Daí surgiria, talvez, a ideia de transcendência: o evangélico (bem como o não evangélico) não precisariam mais recorrer a outros ambientes que estão pulverizados, uma vez que a religião pode oferecer soluções para as outras dimensões da vida social. São serviços que as comunidades podem acessar por meio da religião, e, ao mesmo tempo, são também caminhos pelos quais a religião protestante tem percebido que pode captar o fiel sem ser unicamente através do discurso evangélico proferido no espaço de um templo qualquer. Neste sentido, observa-se um diferencial que o protestantismo atual possui: ele chega prometendo a salvação e gozo das bênçãos aqui *neste mundo*. Ao evangélico é possível, então, desfrutar das promessas a serem gozadas em um ambiente de vida na cidade, e os megatemplos surgem como uma das expressões desse novo modelo de ética de vida e de prosperidade.

No decorrer deste texto, serão apresentadas reflexões sobre o protestantismo em sua possibilidade de habitar o espaço urbano em três etapas: primeiramente abordando uma tendência histórica de crescimento que levou a religião a se consolidar de maneira mais flexível e com maior capilaridade no contemporâneo. Numa segunda parte, trago uma abordagem teórica sobre o reacomodamento das estruturas institucionais em termos de suas escalas espaciais. Por fim, apresento um breve modelo paradigmático daquilo que chamo de “novas configurações de territorialização do sagrado”: igrejas localizadas nas periferias de cidades brasileiras, pujantes em sua presença espacial, representantes dessa nova modalidade religiosa, econômica e social que se constitui os megatemplos protestantes.

O Cenário Evangélico no Brasil e seu Movimento de Expansão

Nos últimos 30 anos, o cenário religioso no Brasil passou por transformações sem precedentes, tanto no que se refere à conversão de fieis quanto à forma de atuação das principais religiões presentes no Brasil. O surgimento de novos quadros de denominações evangélicas alterou radicalmente a composição e o perfil da disputa por espaços na sociedade. A literatura especializada (SOUZA, 2000; ORO, 1997; MAFRA 2002; GIUMBELI, 2014, entre outros) refere-se a essas transformações como o terceiro movimento de expansão do protestantismo no Brasil, surgido inicialmente em finais da década de 1970. Desde então, esse movimento tem se mostrado cada vez mais vigoroso, cuja mudança possui aspectos quantitativos e qualitativos observáveis com relativa facilidade, especialmente no cotidiano da grande maioria das cidades brasileiras. Nota-se o aumento expressivo de novas correntes denominacionais, um vertiginoso aumento de exposição midiática e uma presença significativa de mercado na indústria cultural. Para Arenari e Torres Júnior (2006, p. 198), o aspecto determinante dessas transformações é a nova linguagem religiosa difundida por esse movimento – muito em função das influências recebidas pelo protestantismo norte-americano, cuja robustez tem afinidades eletivas com as exigências do capitalismo moderno.

Em referência às importantes transformações quantitativas e qualitativas no campo religioso brasileiro nas últimas décadas do século XX e início do XXI, verifica-

se que os recenseamentos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam a intensificação da expansão dos evangélicos no Brasil. Levantamentos do instituto (IBGE/CSE, 2012) mostram, pela primeira vez, uma queda em números absolutos da população católica face aos evangélicos nas últimas décadas. A mudança foi lenta entre 1872 e 1970, com perda de 7,9% de participação no total da população ao longo de quase um século; e tornou-se acelerada nos últimos 20 anos, quando a retração foi de 22%.

O Censo de 2010 aponta que, nos últimos dez anos, manteve-se estável a proporção de cristãos, o que indica tanto o aumento dos protestantes quanto uma migração de católicos para as correntes evangélicas e para outras religiões. O segmento dos sem religião também cresceu percentualmente, e chegou a 8% da população em 2010. O contingente de católicos foi reduzido em todas as regiões e se manteve mais elevado no Sul e no Nordeste. O Norte foi onde houve a maior redução relativa dos católicos. Por sua vez, os evangélicos somam 42.275.440 pessoas, constituindo cerca de 23% da população brasileira. Destes, a maior parte é ligada às denominações pentecostais e neopentecostais (Figura 1), evidenciando que a crescente expansão do protestantismo está diretamente relacionada com a difusão e a diversificação do pentecostalismo.

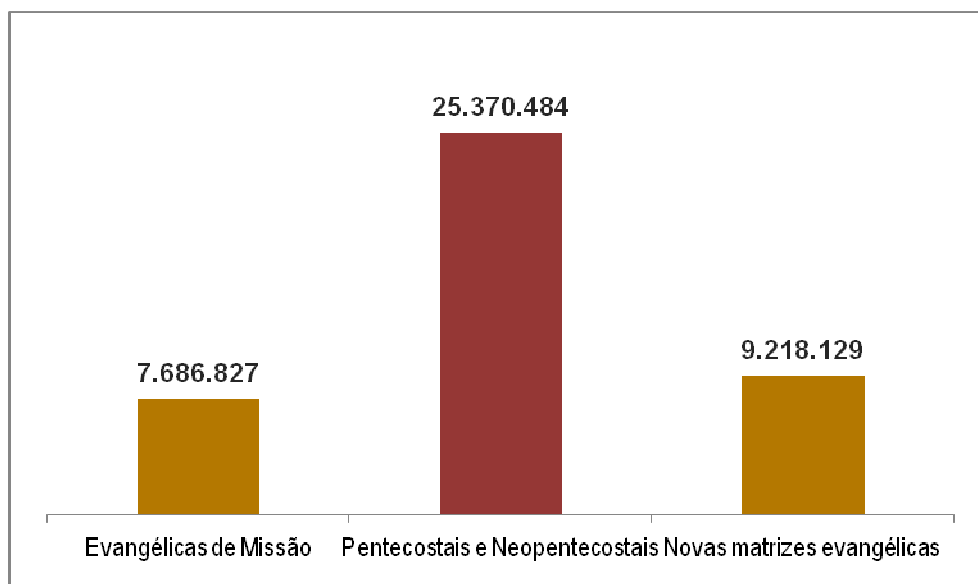


Figura 1 - População evangélica brasileira por categoria denominacional.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

De acordo com Machado (2005), 49% dos evangélicos identificados como pentecostais em 1980 ultrapassaram os chamados protestantes históricos nas duas décadas seguintes, visto que seus índices subiram de 67% em 1991 para 68% em 2000. O aumento do segmento pentecostal no país é puxado pela esteira das migrações internas nas regiões metropolitanas. Nesses locais, os evangélicos construíram igrejas nos hiatos da estrutura católica. Nas camadas urbanas, os pentecostais atuaram como guias espirituais e como figuras centrais do assistencialismo, agregando fiéis onde o catolicismo não tinha se preparado para arregimentar a nova população, e adaptaram a mensagem para diversos públicos.

Em termos qualitativos, observa-se atualmente a crescente dificuldade das instituições tradicionais em regular e manter seus adeptos dentro dos limites seguros e estáveis de seus sistemas de crença, produzindo, conseqüentemente, a intensificação do trânsito religioso e da competição entre as igrejas e denominações. Ao analisar os dois maiores conjuntos religiosos – católicos e protestantes – sob a perspectiva geracional, percebe-se a queda do catolicismo pelas linhas inclinadas para baixo (Figura 2). Analisando a mesma geração nos dois grupos, de 1950 a 2010 a taxa de participação no catolicismo diminuiu de 93,5% para 64,6%, com os evangélicos caminhando em direção contrária.

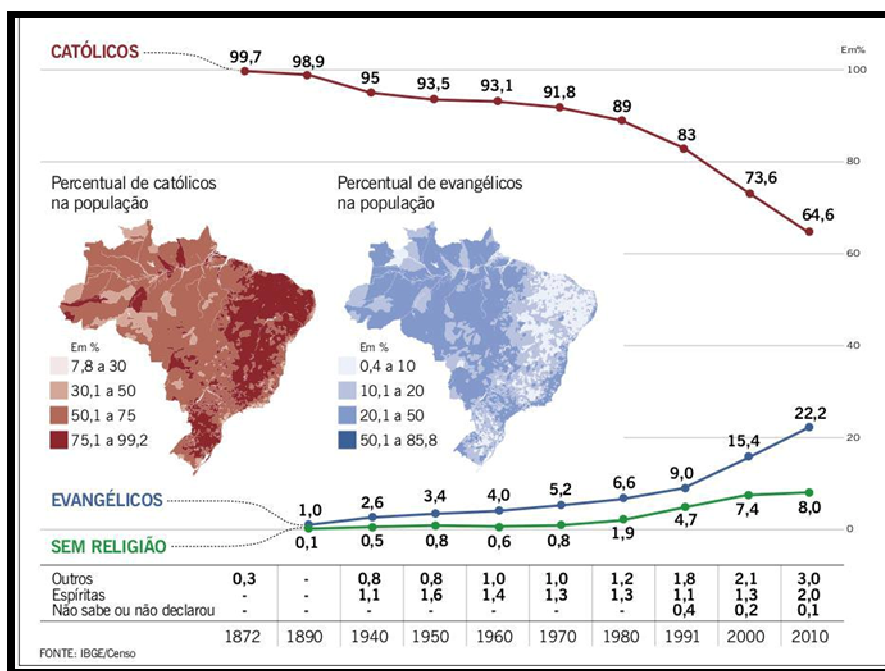


Figura 2 – Evolução das crenças no Brasil até 2010.

Reprodução: O Globo (2012)².

Com o aumento do poder econômico de alguns estratos da população brasileira, o qual possibilitou certa mobilidade social de indivíduos da classe D para as chamadas classes C e B³ nos anos 2003 em diante, verificou-se que os efeitos dessa transformação econômica também se fizeram presente nas igrejas evangélicas. Ocorre a partir de então uma considerável flexibilização nos costumes estéticos, sociais e morais; passa-se a valorizar a arquitetura imponente, que exprima os avanços em termos de poderio econômico da classe de fiéis; e inicia-se em conjunto um diálogo mais frequente entre o protestantismo e os conjuntos urbanos. Tal proposta passa a ser culturalmente orientada no atendimento às especificidades locais, de modo que as megaestruturas sagradas estejam vinculadas à vida das pessoas, reunindo estratégias bem concatenadas para o rearranjo das relações coletivas no resgate da autoestima da comunidade para o encontro de um novo movimento existencial, autoconhecimento e boa qualidade de vida – social, econômica e espiritual.

Observamos então que a religião evangélica tem ocupado de forma considerável espaços carregados de símbolos, não só no centro das capitais como também em bairros periféricos, construindo megatemplos ou alugando imóveis que eram antes utilizados em fins seculares para realizar suas atividades sagradas. Um exemplo singular desse novo modelo de reapropriação é o Templo de Salomão, localizado no bairro do Brás, zona leste da capital de São Paulo.

² Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/demografo-diz-que-ate-2030-catolicos-devem-ser-menos-de-50-5362149>. Acesso em 02 mar. 2017.

³ Utilizo a definição sociológica de classe adotada pelo IBGE e outros órgãos de pesquisa em variáveis sociais, subdivididas em classes A, B, C, D e E. Todavia, é importante ressaltar que as instituições de pesquisa em mercado adotam outro critério de mensuração dessas variáveis. A ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, órgão regulador das empresas de pesquisa em mercado, opinião e mídia – adotou, a partir de 2010, uma nova classificação para expressar o movimento da sociedade de consumo contemporânea. Com a “função de estimar o poder de compra das pessoas e das famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar em termos de classes sociais” (ABEP, 2016, p.3), a ABEP distribui as famílias ou domicílios pesquisados nas seguintes categorias: A, B1, B2, C1, C2 e D-E. Este se constitui no critério revisto e atualizado entre os anos 2015/2016 com base na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF/IBGE), a fim de adaptar-se à nova realidade das famílias brasileiras. Cf. ABEP. Critério de Classificação Econômica Brasil 2016. Disponível em <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em 13 mai. 2016.

Os megatemplos enquanto tendência arquitetônica tiveram seu início nos Estados Unidos na década de 1970, quando da expansão do protestantismo às camadas médias e altas em decorrência da dispersão do discurso da Teologia da Prosperidade por meio do Movimento Palavra de Fé – tido como fundamento do repertório carismático e das narrativas contemporâneas sobre o gozo de uma vida próspera na Terra. Kenneth Hagin, norte-americano, ministro da Assembleia de Deus em Oklahoma e fundador do *Rhema Bible Training Center* (espécie de escola de formação de negócios e ministérios protestantes), foi o precursor desse novo modelo de magnitude da estrutura e linguagem estética evangélica. A doutrina do Movimento Palavra de Fé era baseada em quatro pilares (HAGIN, 2004):

A) Fé e autoridade: o crente mediante a sua posição em Cristo tem autoridade sobre os elementos deste mundo e do mundo satânico);

B) Salvação: o "novo nascimento" se faz necessário para a transformação do homem, e tal aspecto é realizado pelo poder do Espírito Santo no interior das igrejas;

C) Cura física: acreditam que sempre é a vontade de Deus que um crente seja curado fisicamente de qualquer doença ou enfermidade e, por essa razão, defendem que a cura estava disponível para todos;

D) Prosperidade financeira: acreditam que é sempre a vontade de Deus que cada crente seja financeiramente abençoado por meio da fé. Embora Hagin tenha enfatizado que a prosperidade material está inclusa na bênção redentora, em seus ensinamentos está presente a ênfase no trabalho árduo e nas sábias práticas empresariais. Em seu livro *O toque de Midas*⁴ ele escreve de forma acentuada e corretiva sobre o evangelho da prosperidade, enfatizando o trabalho e o empreendimento.

Sendo assim, essa ideologia do próspero fez com que as igrejas evangélicas norte-americanas criassem grandes templos que comportassem não apenas uma massa de fieis, mas que também fossem um reflexo palpável dessa nova linguagem religiosa. Com o passar dos anos, esses templos descaracterizam-se de um espaço

⁴ Cf. HAGIN, Kenneth. *O toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004.

estritamente religioso para adotar uma arquitetura e estética que coadunam espetáculo, fé e bem-estar. Em geral, as megaigrejas norte-americanas oferecem diferentes serviços, utilizando o espaço dos templos para dispor de escolas, programas educativos e culturais para os jovens e outros diferentes serviços sociais.

Seguindo essa tendência, aqui no Brasil os megatemplos integram-se a outras estruturas importantes do universo urbano, possuindo como artérias extensivas da igreja escolas de segmento fundamental e médio, creches, universidades cristãs, centros de atendimento psicossocial, lojas de roupas, lanchonetes, livrarias, editoras, redes de televisão, páginas na web, aplicativos digitais, entre outros, assinalando a existência de demandas pelo sagrado por diferentes vias. É possível afirmar que nessa nova configuração do sagrado na cidade observa novas necessidades espirituais e míticas, surgindo novas confirmações de relação ao mundo contemporâneo.

Nesse contexto, cultura e capital social são reconhecidos como fenômenos de possibilidades de desenvolvimentos organizados, na tentativa de se conceber a solidariedade. Esta relação entre o eu e o outro como construção de realidade vivida, degustada, forma a imagem do real. Por sua vez a imagem é possibilitada por ramificações invisíveis de subjetividade, que aparece embarcada por fenômeno de valores religiosos.

Souza (1995, p. 84), dimensiona que: "território de identidade e de solidariedade é um cenário de reconhecimento cultural e de intersubjetividade, e também um lugar de representações e práticas cotidianas". Há, portanto, a necessidade de construir toda dinâmica de desenvolvimento "a partir de uma identidade cultural fundamentada sobre um território de identificação e de solidariedades concretas" (Ibidem). O território é, portanto, uma reordenação do espaço no qual é atribuída uma identidade territorial aos grupos sociais que se organizam e que trocam relações em todos os níveis, inclusive o patrimonial, onde o agente principal pode ser ou não uma instituição pública ou privada. Nesse ínterim, perceber essas novas igrejas e sua capilaridade na vida mental da cidade é reconhecer que a religião protestante tem se inserido cada vez mais num processo social global. Seu desenvolvimento e transformações não são apenas no plano econômico, ou social e político. Pode-se dimensionar que o desenvolvimento do protestantismo está amparado em um processo de transformações no território, que

leve a construção de uma dinâmica no crescimento econômico, político e social do lugar.

Os megatemplos também se localizam em áreas específicas da cidade – majoritariamente nas zonas periféricas das grandes metrópoles. Essas áreas geralmente estão ligadas às principais estruturas de mobilidade urbana e possuem acesso para diversos pontos da cidade ou até mesmo do estado, onde se pode trazer pessoas de todas as partes. Tais localizações pretendem atingir a um público específico. Aqueles que recorrem mais ao protestantismo hoje são as camadas populares, logo os megatemplos querem estar perto dessa população, das demandas dessas pessoas. As escolhas dos lugares – a saber, a escala espacial – têm, portanto, finalidades estratégicas.

Escalas Espaciais e Territorialização Protestante

As composições urbanas durante as Idades Média e Moderna eram formadas por um aglomerado de territórios que se mantinham sob a direta autoridade civil dos papas da Igreja Católica (TILLY, 1996). O universalismo da igreja e sua lógica centrípeta compunham a ordem da vida moderna nas cidades, regulando as esferas da política, do social e do ambiente familiar. Com o protestantismo atual ocorre, inversamente, uma lógica difusa, na qual se revela uma dupla espécie de campo e aparelho de capitalização das demandas da/na cidade, abrindo espaço para certa coextensividade em rede da morfologia evangélica nos territórios urbanos.

Para essa discussão, merecem destaque as contribuições do geógrafo Neil Smith (1984), fundamentalmente por ter introduzido a categoria de “políticas das escalas” enquanto processos socialmente conflitivos sobre os quais se reconfiguram, de forma articulada, o poder e o espaço. Em tal contexto, a ideia de escala espacial procura demonstrar que novas formas organizacionais e novas modalidades de atuação são construídas para o enfrentamento de uma “crise” no padrão de reprodução econômico e social. As escalas constituem *categorias de análise* e, também, *categorias de práticas* “que emergem concretamente na realidade social como resultado do envolvimento dos atores” (BRANDÃO, 2017, p. 244) na observação dos processos e políticas de desenvolvimento metropolitano, regional e local.

Escala enquanto categoria analítica e enquanto categoria da práxis política não está apartada. A escala espacial, socialmente produzida, deve ser vista como um recorte “para a apreensão das determinações e condicionantes dos fenômenos sociais referidos no território, e, ao mesmo tempo, tomada como um prisma que permite desvendar processos sociais, econômicos e territoriais singulares” (BRANDÃO, 2017, p.247). Nesse sentido, é possível observar que a escala espacial da formação dos megatemplos urbanos procuram engendrar suas próprias atividades, tarefas ou operações, de forma que lhes permitam exercer o poder no território.

Como a religião evangélica é uma corrente que opera principalmente nas comunidades de base em metrópoles brasileiras, percebeu-se que uma das principais maneiras de fazer valer a hegemonia protestante seria atuar em rede, ou seja, oferecer programas, serviços e projetos especificamente voltados para ajudar homens e mulheres, crianças e jovens **na cidade**, oferecendo suporte para a resolução das questões inerentes à comunidade. Deste modo, grande parte dos megatemplos oferece serviços comerciais e de assistência social/comunitária, que se identificam com as demandas e/ou conflitos específicos em um ambiente urbano. Dentre estes serviços podemos destacar:

- ❖ Projetos de “justiça social”, como reformas de escolas, limpeza e embelezamento de subúrbios;
- ❖ Suporte habitacional para momentos de crise (como, por exemplo, desastres ambientais);
- ❖ Centros psicossociais e/ serviços médicos comunitários;
- ❖ Serviços de advocacia e de socialização comunitária;
- ❖ Aconselhamento para relacionamentos, autoimagem e desafios comportamentais
- ❖ Cursos sobre desenvolvimento de vida e liderança;
- ❖ Programas de fortalecimento dos grupos familiares;
- ❖ Programas educacionais para crianças e adolescentes⁵.

⁵ Fonte: Levantamento de campo (2015).

Enquanto *categoria da prática*”, a construção escalar é um processo eminentemente político, estabelecendo a diferenciação de determinado ângulo de luta social pelo controle do espaço (BRANDÃO, *op. cit.*). Como modo particular de organizar e dispor de seus recursos políticos (incluindo a utilização de recursos simbólicos e discursivos), observa-se que a “política de escala” evangélica se manifesta na constituição de arenas e instâncias em que se buscam estabelecer alianças, possibilitando lançar mão de instrumentos, dispositivos e recursos diversos, para se tornar uma força social permanente no lugar.

A escala espacial evangélica deve ser vista como um recorte para a apreensão das determinações e condicionantes dos fenômenos sociais referidos no território. Como um prisma que permite desvendar processos sociais, econômicos e territoriais singulares – neste caso, a ausência do Estado ou erosão da presença do poder público nas comunidades periféricas. Com efeito, a vigorosa presença dos megatemplos nas periferias urbanas confere visibilidade ao fenômeno, e o resultado dessas ações referenciadas escalarmente podem desvelar a abrangência espacial das decisões destes sujeitos concretos. Tal movimento protestante encontra no urbano uma maneira vertiginosa e pragmática de atender às necessidades e demandas das relações de vida na modernidade, sem deixar de lado a discussão de estratégias econômicas e sociais para driblar outros temas do cotidiano.

Um Paradigma Escalar: Templo de Salomão

Fundada em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é hoje considerada a segunda maior denominação evangélica do país, reunindo parte significativa dos cerca de 25 milhões de adeptos das religiões pentecostais no Brasil. O Templo de Salomão é um dos mais ambiciosos projetos da Igreja Universal do Reino de Deus. Sua construção comporta números monumentais: são 74 mil metros quadrados de área construída, que podem receber até 10 mil pessoas sentadas e cerca 2 mil veículos⁶. As fachadas e o piso do salão principal são revestidos com

OBS.: Dados coletados durante trabalho de campo realizado pela autora nas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, por ocasião da pesquisa de mestrado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica/PUC-Rio.

⁶ Disponível em <http://sites.universal.org/templodesalomao/localizacao/>. Acesso em: 24 set. 2017.

pedras trazidas do Oriente Médio. Da mesma região vieram as oliveiras que adornam o jardim com tamareiras e árvores especiais. Segundo divulgado, custou R\$ 680 milhões financiados exclusivamente pelas doações dos fiéis⁷.

A volumetria da edificação é facilmente legível no tom da periferia paulistana. Localizado no Brás, bairro de vocação industrial e de comércio atacadista, também é historicamente ponto de atração para imigrantes - dos italianos e nordestinos no século 20 até os bolivianos e africanos de hoje. Adicionalmente, o Brás concentra a onipresença de grandes denominações evangélicas⁸, que fazem da área uma espécie de Meca pentecostal.

Considerada a maior catedral evangélica do Brasil, o edifício mimetiza-se cromaticamente com seu entorno próximo. Ao que parece o Templo de Salomão (Figura 3) inspira ser um lugar de culto único, remetendo às origens da fé cristã judaica, quase que desvinculado das práticas sincréticas que comumente encontramos nas filiações da Igreja Universal. Aliado à luz de baixa intensidade, ao potente tratamento acústico, às confortáveis poltronas e aos estímulos estéticos sonoros e visuais, o que se experimenta ali é algo próximo da sensação de transcendência.

⁷ Ibidem.

⁸ A região do Brás abriga quatro dos maiores templos evangélicos do país – Templo de Salomão, sede nacional da Igreja Pentecostal Deus é Amor; sede paulistana da Assembleia de Deus Ministério de Madureira; e sede nacional da Congregação Cristã do Brasil. Antes considerado como um distrito essencialmente católico, a rápida expansão do protestantismo nos últimos 15 anos comprova que o catolicismo vem perdendo espaço nessa região. Uma explicação possível para o crescimento de tantas igrejas evangélicas na região do Brás está na localização facilitada pelo acesso ao transporte público como a estação Bresser-Mooça no metrô e as linhas de ônibus que ligam aos terminais onde é possível chegar a diversos pontos da cidade, o que possibilita agregar nesses templos pessoas de qualquer parte da metrópole paulistana. Este cenário teve como um dos resultados, por exemplo, o aumento da oferta de lojas de moda feminina para atender as linhas de vestuário das fiéis.



FIGURA 3 – Templo de Salomão. Reprodução: Universal.org (2017)⁹

A presença massiva de aparatos de vigilância também chama atenção. O circuito de câmeras instaladas ao redor é reforçado por seguranças que circulam a pé ou de carro. Para entrar no edifício é necessário passar por um ritual de controle: após deixar os aparelhos eletrônicos no guarda-volumes do subsolo-garagem (dada a proibição de fotografar no interior do templo) é preciso passar por uma bateria de seguranças, que, posicionados à frente da entrada principal, revistam as bolsas e escaneiam os corpos com detectores de metais. Tudo isso para configurar a ideia de “proteção” ao entrar no santuário.

Além do santuário de Salomão, o projeto expansionista da Universal conta ainda com veículos de comunicação, programas sociais e projetos educacionais. A *Godllywood School*, por exemplo, é um projeto voltado a meninas e jovens entre 6 e 18 anos, cujo propósito é “resgatar valores esquecidos na sociedade feminina, formando mulheres melhores em todos os aspectos, aliando o cuidado pessoal com o apoio social”¹⁰. No que se refere à programação do Templo, nos seis dias de operação são oferecidas 21 reuniões com temáticas que vão desde estudos sobre o Livro do Apocalipse até aconselhamento sobre finanças, passando por questões espirituais, amorosas, de saúde e de combate ao estresse.

⁹ Disponível em: <http://sites.universal.org/templodesalomao/localizacao/>. Acesso em: 24 set. 2017.

¹⁰ Disponível em www.godllywood.com/girls/author/rosebrito/. Acesso em: 24 set 2017.

Refletindo sobre as mazelas que assolam os ambientes citadinos, tomo como referência os dados da Organização Mundial da Saúde, os quais apontam que a depressão será a segunda forma de incapacidade mais recorrente no mundo, em 2020¹¹¹². Segundo o relatório técnico, os altos índices de depressão estão intimamente ligados a processos econômicos dos tempos atuais, quando as políticas neoliberais impelem o sujeito a altos níveis de competitividade e frustração. Nesse sentido, com o difundido slogan “*Pare de sofrer*”, a Universal está em concordância com as estatísticas do órgão. Da mesma forma, a Teologia da Prosperidade - doutrina na qual se funda o discurso das igrejas neopentecostais que prega que a bênção financeira é o desejo de Deus para os cristãos - está alinhada com a lógica de consumo e prosperidade.

Os discursos positivos associados ao conforto físico e estético proposto pelos megatemplos projetam-se, portanto, como uma espécie de “oásis” em meio aos turbilhões socioemocionais que vivemos nas grandes cidades. Ao aproximar questões de saúde emocional e riqueza material, o templo-monumento da IURD – e tantos outros megatemplos difusos pelos territórios no Brasil - parece estar em sintonia com os desafios do mundo contemporâneo e da vida mental na metrópole.

¹¹ Cf. FOLHA UOL: “Depressão é a maior causa de incapacitação no mundo”. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/03/1871343-depressao-e-a-maior-causa-de-incapitacao-no-mundo-diz-oms.shtml>. Acesso em 24 set. 2017.

¹² Cf. *World Health Statistics 2017: Monitoring Health for the SDGs*. Disponível em http://www.who.int/gho/publications/world_health_statistics/2017/en/. Acesso em 24 set. 2017.

Bibliografia

ARENARI, B.; TORRES JUNIOR, R. D. Intersubjetividade, socialização religiosa e aprendizado político: esboço de uma interpretação sociológica do pentecostalismo no Brasil. In: SOUZA, J. (Org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BRANDÃO, C. A. Anotações para uma geoeconomia política transescalar do subdesenvolvimento histórico-geográfico desigual na periferia do capitalismo: lições para América Latina? In: BRANDÃO, C.A; FERNANDEZ, V. R.; RIBEIRO, L. C. Q (Orgs.). *Escalas Espaciais, Reescalamentos e Estatalidades: lições e desafios para América Latina* (no prelo). Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017, p. 241-271.

GIUMBELLI, E. A. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

_____. A presença do religioso no espaço público. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28 (2), p. 80-101, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v28n2/a05v28n2>>. Acesso em 08 set. 2016.

HAGIN, K. *O toque de Midas: uma abordagem equilibrada para a prosperidade bíblica*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004.

IBGE. *Resultados do Censo 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm>. Acesso em 11 maio 2015.

IBGE/CSE. *Metadados*. População/Tabelas – Versão 2.1: dados editados para download. Disponível em: <<http://ces.ibge.gov.br/base-dados/metadados/ibge/censo-demografico>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.13, n.2, maio-ago 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

MAFRA, C. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ORO, A. P. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ORO, A. P.; STEIL, C. *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. (Org). *Geografia cultural: um século*. Vol. 3. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Coleção Geografia Cultural).

SMITH, N. *Desenvolvimento desigual: natureza, capital e produção do espaço*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1984.

SOUZA, J. *Modernização seletiva: uma interpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora UnB, 2000.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desterritorialização. In: CASTRO, I. et al. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

TILLY, C. *Coerção, Capital e Estados europeus*. São Paulo: EdUSP, 1996.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World Health Statistics 2017: Monitoring Health for the SDGs*. Disponível em:
<<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/255336/1/9789241565486-eng.pdf?ua=1>>.
Acesso em 24 set. 2017.